

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

Director Interino: JOAQUIM DE SOUSA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9\$50; Província, 3 meses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses 66\$00; Estrangeiro, 6 meses 102\$00
PAGAMENTO ADIANTADO (AVENÇADO)

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2433

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

SEXTA FEIRA, 5 DE NOVEMBRO DE 1925

A continuação do Congresso Extraordinário dos Sindicatos

O Congresso Extraordinário dos Sindicatos Operários de Lisboa, interrompido por alguns dias por um mal entendido da polícia, segundo as próprias declarações de um dos seus comandantes, vai prosseguir hoje, pelas 20 horas, no mesmo local.

A classe operária de Lisboa vai continuar na discussão de alguns dos problemas mais importantes que ultimamente se lhe têm apresentado. Estamos, pois, em presença de um dos acontecimentos operários que maior interesse tem despertado nas classes trabalhadoras.

A vasta sala de «A Voz do Operário» tem sido bastante concorrida por curiosos, por militantes e operários que vêm seguindo as diferentes fases da discussão com uma atenção enorme.

Já tivemos ocasião de fazer notar as vantagens que para a classe operária podem advir da serenidade que se mantenha na discussão. Até à data da interrupção do Congresso as discussões têm sido vivas e apaixonadas, mas correctas. Manter-se há até final esta esplêndida atitude de mútua tolerância? Depende dos delegados a boa resposta a esta pergunta. Entretanto, o que podemos asseverar, sem receio de nos enganarmos, é que o operariado, os superiores interesses do povo trabalhador requerem que se prossiga na atitude serena que se tem mantido.

Pode-se dizer que os resultados imediatos e materiais deste Congresso são poucos. Não se assentará apenas em bases morais de trabalho futuro, bases que serão levadas à sanção de um congresso nacional operário, visto que alguns dos principais assuntos a discutir agora, sendo de interesse de todas as células operárias, só podem ser resolvidos em última instância por delegados dos organismos operários de todo o país.

Aguarda-se por toda a parte o resultado deste Congresso. A própria burguesia está olhando com atenção o grande acontecimento porque teme a consolidação da força das classes trabalhadoras que implica o enfraquecimento da sociedade capitalista.

A Batalha confia no bom senso de todos os delegados e aguarda com natural ansiedade que os seus bons desejos plenamente se confirmem por factos indestrutíveis.

Notas & Comentários

Um gesto altruísta

D. Francisca Antunes Martins teve, há dias, inesperadamente, o seu bom sucesso num taxi que chamara para a conduzir ao hospital.

A Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs resolveu, com a aquiescência dos pais, apadrinhar a criança e ofertar-lhe um enxoval. O registo efectua-se hoje, pelas 10,30 horas, no hospital de São José, sendo testemunhas os nossos camaradas António Loureiro e António Domingos dos Santos, respectivamente presidente e tesoureiro daquela Cooperativa.

Escusamos de enaltecer este gesto no que ele tem de simpático e altruísta.

Uma vítima

Segundo um telegrama que a Batalha ontem publicou, o indivíduo que foi linchado pela multidão como autor do atentado contra Mussolini, longe de ser anarquista como contou, era um fervoroso admirador do fascismo. A multidão enganou-se na direcção do seu ódio. Se esse pobre rapaz pudesse ressuscitar decerto deixaria de ser um amigo das «camisas negras» que tão cruelmente lhe pagaram a sua fidelidade.

Os estupefactos

Desde que a polícia veio dizer na imprensa que ia reprimir o abuso dos estupefactos, os casos de morfomania e cocaínomania aumentaram. É bem certo. O fruto proibido é sempre o mais apetecido.

Ontem os jornais referiram-se a um novo caso em que está envolvida a actriz Carolina Baptista que, segundo declarações feitas à polícia, tencionava utilizar empolas de morfina para acabar com a vida.

Os outros viciados se não têm esses intuídos, conseguem todavia o mesmo fim. Os estupefactos são a única fuga: acabar com a vida humana, principiando pela degenerescência da espécie.

Quasi que ambicionamos, para não assistir a estes vergonhosos casos, um estupefacto que gela com uma sociedade que gera semelhantes vícios!

Os prédios em ruína

Por diploma ontem publicado foi estabelecido que compete à polícia administrativa efectuar os despejos sumários dos ocupantes dos prédios que ameaçam ruína, tanto nos casos em que os mesmos hajam

NOVAMENTE O FETO

Resposta serena aos dislates de um jornal que se permite dar-nos lições apesar da sua manifesta estupidez

O Portugal, esse feto impertinente que de quando em vez nos morde nas canelas com hidrofobia fúria, voltou ontem a entreter-se com a Batalha. Não se referia mais aos enfermeiros do Manicóquio Miguel Bombarda, porque o correctivo que lhe applicamos serviu-lhe de lição para já mais se meter em coisas que não percebe e para já mais insultar as pessoas que não têm pela sua cartilha.

Ontem o feto meteu o bedelho em questões operárias, perorando do alto da sua cátedra—o pigmeu—que a situação de miséria em que se encontra o operariado se deve ao valor mental dos dirigentes das associações de classe que ainda não pensaram em defender o salário mínimo e a reforma do operariado na invalidez. E para provar a sua parva asserção o feto transcreveu do nosso jornal, da secção *Solidariedade*, duas notícias: uma referente a Domingos Gonçalves e outra a Casimiro Firmino, dando assim aos seus leitores a ideia de que o operariado em situações afilivas recorre à escola dos seus camaradas de trabalho.

Noutra ocasião, apostamos dobrado contra si mesmo, não nos provocaria o pasquim. Ele bem sabe que não lhe podemos responder à letra, apresentando-lhe a causa da miséria que o operariado atravessa, porque outro poder mais alto se levanta. E como conhece esta circunstância convidamos à valsa na certeza de que alguém virá em seu socorro.

E' o recurso de todos os covardes. Quando não podem vencer por falta de inteligência e de categoria moral aproveitam-se das mulas de refúgio que têm ao seu dispor para nos atacarem.

Todavia tanto quanto nos é permitido vamos responder a essa hipótese de jornal, não com intuídos polémicos, porque nos escasseia o tempo, mas para lhe provar quanto de imbecil tem as suas afirmações. Assim...

Não nos preocupam as afirmações de um ou outro despeitado que pertencesse à organização operária. A asneira é livre e como exemplo máximo temos os motivos de existência do jornal que nos ataca e toda a sua prosa. Se a asneira não fosse livre como poderia publicar-se a folha do largo do Calhariz se ela é a expressão máxima da asneira?

Logo não importa que um indivíduo diga meia dúzia de dislates em desabono de uma ideia, quando esses dislates traduzem apenas a miopia mental. E por isso é que só respondemos às afirmações do militante de ser demolidos totalmente, como naqueles em que, apenas por virtude de reparações nos ditos prédios, se tenha de fazer a sua demolição parcial. Esse despejo será sempre ordenado desde que se verifique, pelo auto de vistoria, que há risco iminente e irremediável de desmoronamento ou que as obras se não podem realizar sem grave prejuízo para os ocupantes dos prédios. No caso de haver sido interposto recurso e se ele tiver efeito suspensivo, o despejo sumário só se efectuará depois de proferida a respectiva sentença.

Os penhoristas

Já por várias vezes a Batalha levantou a questão das casas de penhores, escarpelizando a verdadeira roubalheira que constitui esse negócio onde os penhoristas arrancam aos desgraçados que nas unhas lhes caem juros exorbitantes que vão de 150 a 500 por cento. Ultimamente a Tarde trouxe também, com certa assiduidade, do melindroso assunto, tendo sido ouvida pelas instâncias oficiais que publicaram um decreto tendente a reprimir a roubalheira.

No Salão da Voz do Operário

prosseguem hoje as sessões do Congresso Operário de Lisboa

No Salão da Voz do Operário prosseguem hoje, com início às 20 horas em ponto, as sessões do Congresso Operário de Lisboa, suspensas na terça-feira, por determinação da autoridade.

Na sessão de hoje continuará a discussão da tese «Unidade Sindical», para a qual estão inscritos 20 congressistas.

Votada esta tese, discutir-se há o relatório da comissão de pareceres, nomear-se há a comissão administrativa da C. S. T. e encerrar-se há o congresso.

Devido à abundância de assuntos a tratar é possível que o congresso só encerre os seus trabalhos amanhã.

Nova Colónia Penal

Em vista de um parecer do Conselho Penal e Prisional, com o qual concordou o sr. ministro da justiça, foi já oficiado à competente repartição no sentido de que se promovam as necessárias diligências tendentes a ser dada posse ao ministério da justiça, dos terrenos que compõem a denominada Mata de Valverde, sito no concelho de Alcácer do Sal e que se encontram em posse do ministério da Agricultura, para em seguida ser ali instalada uma colónia penal.

O Conselho Penal no seu parecer prescreve que para a colónia que vai ser criada não poderão ser enviados presos não definitivamente condenados, ou condenados em pena de prisão maior celular ou de degressão, indica ainda providências tendentes a evitar que a mata seja destruída tais como a de serem substituídas todas as árvores caducas e outras de modo a também melhorar, tanto quanto possível, a salubridade dos terrenos da colónia.

Leiam o Suplemento de A BATALHA

que o Portugal entrevistou num pequeno eco porque de mais não eram elas merecedoras.

O mesmo não sucedeu, com o que concerne à falta de orientação da organização operária estupidamente afirmada pelo pasquim.

A organização operária, nos seus congressos operários tem marcado a sua orientação, quer política, quer económica, quer técnica. As divergências que se manifestam no seu seio de há um tempo a esta parte são quanto aos processos de acção.

Essas patranhas do sindicalismo raquítico que constituíram as delícias dos nossos avós e serviam para manter no mesmo servilismo o operariado, foram há muito tempo postas de parte por todos, divergentes e concordantes, por indúteis e desprezíveis.

Porém, o salário mínimo foi há muito tempo advogado nos congressos operários. Classes como a gráfica e a do mobiliário têm isso estabelecido nas suas organizações de trabalho. E' uma regalia velha de que não prescindem e que sempre agitam. O que convém ao operariado já ele conhece, não precisa que lho digam.

Só o Portugal é que ignora estas coisas, absolutamente notórias, como é próprio do seu estado embrionário e da sua crassa estupidez.

As outras panaceias que o feto agita como melhorias para o operariado há muito tempo que por estes foram desprezadas porque transportadas para o terreno experimental nada representavam para os que trabalhavam.

A que o operariado aspira foi inúmeras vezes proclamado nestas colunas, nesses tempos em que nos podíamos desafiar com os imbecis que nos apareciam no caminho com fumaças de valências.

E nessas emergências do feto-lhe-íamos também, ao feto, porque recorre ao operariado às colunas do seu jornal quando a desgraça lhe bate à porta, apelando para a solidariedade dos seus colegas.

Todavia, só um montecapão não compreenderá que entre outros culpados desse recurso é o patronato para quem o operariado trabalha eternamente de quem, quando adoece, só recebe o mais frio dos desprezos e a mais severa das indiferenças.

Ora não seria melhor que o feto só discutisse assuntos para que estivesse habilitado? Pelo menos poderia nos o trabalho de lhe chamarmos burro. E eis tudo, porque temos mais que fazer.

CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO

Realiza-se no dia 12 do corrente a primeira reunião do Conselho Confederal

A-pesar de tudo quanto em volta da Confederação Geral do Trabalho os inimigos do operariado têm tecido, a central operária entra numa fase de revigoração. Depois da dissolução do Conselho Confederal por resolução das federações de indústria e do referendário aos organismos que compõem a C. G. T., a comissão administrativa deste organismo apressou-se a organizar o novo Conselho Confederal, tendo dirigido convite nesse sentido às Federações, Câmaras Sindicais, União Locais e Sindicatos Isolados.

Por sua vez estes organismos fizeram reunir as suas assembleias, que são os seus conselhos gerais, e escolheram entre os seus mais experimentados militantes os delegados que os hão-de representar na Confederação Geral do Trabalho.

A comissão administrativa da C. G. T., contando já com um número de representações suficiente para a reunião do Conselho Confederal resolveu convocar este para o dia 12 do corrente, ou seja na próxima sexta-feira, às 21 horas.

Nomearam já delegados ao Conselho Confederal os seguintes organismos que se fazem representar, respectivamente, pelos camaradas abaixo designados:

Câmara Sindical do Porto, por Tavares Adão; União dos Sindicatos Operários de Évora, por Artur Aleixo de Oliveira e Adriano Botelho; União dos Sindicatos Operários de Faro, por João Humberto Matias e Quirino Moreira.

Federações: Construção Civil, por Alberto Dias e Alexandre Assis; Metalúrgica, por Manuel Pratas de Sousa e António da Costa Santos; Mobiliária, por Carlos Gil e Gabriel Antunes; Ferroviária, por Mário Castelhamo e João Manuel Conde de Matos; Calçado, Couros e Peles, por Fernando Rodrigues e Manuel da Silva Campos; Vinícola, por Júlio Aranha e António Oliveira Rocha; Corticeira, por João Matias Rocha e Eduardo Braga.

Sindicatos Isolados: Manipuladores de Cristal de Marinha Grande, Manuel Gonçalves Vidal e José Martins Grilo; Alfaiates da Póvoa de Varzim, por Alberto Monteiro e Eduardo Miranda; Mineiros de São Domingos, Fernando de Almeida Marques; Chauffeurs do Sul de Portugal, Arnaldo Pereira da Costa e Augusto Duarte.

Dos organismos centrais aderentes fal-

O que vai por esse mundo

Uma conspiração abortada?

O armamento dos conspiradores eram navilhas...

PERPIGNAN, 4.—As autoridades prosseguem no inquérito acerca da conspiração separatista catalã, vigiando cuidadosamente todos os comboios que se dirigem à Espanha. A censura rigorosa de todos os telegramas e telefonemas, tanto em França como em Espanha, têm permitido obter indicações de mais conspiradores limitados, até agora, a simples navilhas, com excepção de duas bombas eléctricas apreendidas na estação Mulias ao conspirador Mário Traverso italiano, que as conduzia numa mala. Foi reforçada a vigilância ao quartel onde estão internados os prisioneiros, em virtude de ter havido várias tentativas de evasão.—(L.)

Os anarquistas é que vão pagar...

ROMA, 4.—O governo ordenou a realização dum severo inquérito acerca das organizações anarquistas descobertas em Perpiignan, onde foram presos inúmeros italianos. As autoridades fronteiriças da Itália, França e Espanha combinaram já os seus serviços de apertada vigilância sobre os viajantes que se tornem suspeitos.—(L.)

... embora os conspiradores sejam nacionalistas

PARIS, 4.—Em consequência da descoberta da conspiração espanhola, que se apurou tratar-se duma tentativa separatista da Catalunha, a polícia passou uma rigorosa busca nas florestas que rodeiam a casa do coronel Macia, chefe dos revolucionários, que conseguiu fugir à acção das autoridades.—(L.)

A paz em Varsóvia

BARCELONA, 4.—Reina a maior calma nesta cidade e em toda a província da Catalunha, tendo apenas as autoridades tomado medidas especiais de precaução e exercendo rigorosa censura em todas as comunicações.—(L.)

A política do capitalismo

Nos Estados Unidos vencem os democráticos...

WASHINGTON, 4.—As eleições americanas deram a vitória aos democráticos, que no Senado egularam o número dos republicanos e câmara dos representantes viram dominar a sua maioria. O número de representantes democráticos é de 46 para 43 republicanos. Os jornais demonstram ser muito precária a situação do presidente Coolidge e do partido prohibitionista.—(L.)

O futuro chefe do Estado

NEW YORK, 4.—O governador deste estado, sr. Smith, reeleito pela quarta vez, será o candidato democrático das eleições presidenciais de 1928.—(L.)

Platonismo oficial

ROMA, 4.—Em consequência dos incidentes de Trípoli e Benghazi, o sub-secretário dos negócios estrangeiros apresentou ao embaixador francês as devidas desculpas prometendo o severo castigo dos culpados.—(L.)

Blandícia britânica

LONDRES, 4.—Lord Ervin, novo vice-rei das Índias concluiu com o emir do Afeganistão um acordo comportando um convénio comercial, e a entrega de material de guerra e de caminhos de ferro.—(L.)

Progressos da aviação

A carreira aérea do Egipto à Índia

LONDRES, 4.—Realizaram-se ontem os vãos de experiência de três dos cinco novos aparelhos destinados a carreira aérea de Egipto à Índia.

Os novos aparelhos, denominados «De Havilland Hercules» são os primeiros aviões britânicos para passageiros especialmente construídos para viagens tropicais, sendo dotados de especiais confortos, com uma ventilação especial que filtra o ar para circulação no interior das cabines.—(L.)

tam nomear delegados os seguintes: C. S. T. de Lisboa e Vila Franca de Xira e União de Sindicatos de Orlão, Portimão, Setúbal, Seixal e Almada. Federações: Do Livro e do Jornal, Rural, Conservas, Têxtil, Alimentação, Marítimos e Fluviais e Empregados no Comércio.

Acusado de não ter meios de subsistência

Ontem, no Tribunal dos Pequenos Delitos, no governo civil, foi condenado um homem por não ter meios de subsistência. O Diário de Lisboa contava assim o estranho acontecimento.

«Outro acusado: Augusto Nogueira, de 23 anos, sem residência. Apresenta-se descalço, com um casaco de «kaki», de mangas arregaçadas até aos cotovelos e calças que, em tempos, foram muito cinzentas.

O juiz interroga-o:

—A sua profissão?

—E' no Poço do Bispo!

—Em que se emprega?

—Sou sota! Há seis meses que durmo na cocheira do sr. Luís Simões.

—Sabe que é acusado de não ter meios de subsistência para poder viver?

—Saberei o sr. juiz que eu cá sempre vou ganhando para comer!

Todas as testemunhas foram unânimes em afirmar que o reu se entregava à vadiagem. Foi condenado em 200\$00 de multa e entregue ao governo como vadio.

Mas se a justiça reconhece que o homem não tem meios—delito de que é acusado—para que, em vez de condená-lo a pagar 200 escudos, não o condena de preferência a recebê-lo?

A guerra ao estrangeiro na China

Quanto custa largar a presa

PEKIM, 4.—O corpo diplomático acreditado junto do governo desta cidade apresentou ontem um protesto colectivo ao ministério dos negócios estrangeiros, contra os impostos que os governos de Cantão, Shantung e outras províncias estão lançando sobre o comércio estrangeiro, violando assim os tratados existentes.

Pelo tratado de Washington, o aumento das pautas só pode ser feito por acordo entre o governo chinês e as potências signatárias, não tendo sofrido por enquanto qualquer alteração.—(L.)

Um consil francês é morto

PEKIM, 4.—Em consequência do assassinio do consil francês sr. Robert, o corpo diplomático protestou em Pekim e Cantão contra a actual situação da China.—(L.)

As cóleras humanas

Ódios políticos

NEW YORK, 4.—Dizem de Managua, (Nicaragua) que junto da fronteira de Honduras se travou um combate entre as tropas governamentais e um grupo de 250 revolucionários que tiveram 25 mortos e 35 feridos.—(L.)

Uma revolta de presos

NEW YORK, 4.—Na prisão do Tombo deu-se ontem uma revolta, que foi dominada pela polícia a tiro e com gases lacrimogêneos. Do combate resultaram vários guardas da cadeia gravemente feridos, bem como alguns presos.—(L.)

O fascismo contra a França

Manifestações de hostilidade

PARIS, 4.—A frequência das manifestações em Itália contra a França preocupam o governo, que aguarda o relatório do consil em Vintimille.

Amanhã o conselho de ministros ocupar-se há das medidas a adoptar para que incidentes semelhantes não tenham repetição.—(L.)

A imprensa fascista insulta

PARIS, 4.—Os jornais fascistas redobram de violência contra a França.

Alguns dizem que as tropas fascistas na fronteira devem ser reforçadas e que as cabeças dos que discordam da orientação do Duce devem ser ceifadas.—(L.)

Notícias diversas

Um príncipe que assassina

LONDRES, 4.—O milionário americano Brunner, presidente da mundialmente conhecida firma de produtos químicos Brunner Mond and Company, e sua mulher Ethel foram assassinados a tiro na sua casa de Londres, pelo príncipe Fernando Andrius de Liechtenstein, que há um ano casou com a filha do milionário.—(L.)

«Zangam-se as comadres»

PARIS, 4.—O sr. Dariac, presidente da sub-comissão da Câmara dos Deputados incumbida do exame das dívidas de França, apresentou já o seu relatório.

Neste documento afirma-se que Wilson e Lloyd George, com a sua atitude forçaram a França a abandonar, pelo Tratado de Versalhes, as garantias que era sua intenção exigir da Alemanha.

Os Estados Unidos são acusados no relatório de não haverem cumprido nenhuma das suas promessas feitas solemnemente.

Este facto sem precedentes na história—le-se também no relatório—concorreu para que o senado americano se colocasse ao lado dos sindicatos dos agentes de câmbios, que imediatamente iniciaram a sua marcha sobre Paris.—(L.)

Comadres que fazem as pazes

PARIS, 4.—O ministro do Interior recebeu os agradecimentos do governo espanhol pela maneira hábil por que a polícia francesa poz a descoberto o «complot» de Perpiignan.—(L.)

Nos Paços do Concelho

foi ontem inaugurada a exposição de crismamentos

Com numerosa assistência realizou-se ontem, pelas 15 horas, a anual exposição de crismamentos, que é constituída por grande número de exemplares, alguns de novidade, criados nos viveiros municipais. Além de crismamentos vêm-se artisticamente expostos lindos exemplares de avencas, a maioria dos quais com extraordinário desenvolvimento.

ASSINEM Os mistérios do Povo

Póvoa de Santa Iria

A anexação ao concelho de Vila Franca

POVOA DE SANTA IRIA, 3.—Há uns quarenta anos, esta freguesia passou a participar do concelho de Loures, então criado. A anexação ao concelho de Loures nunca deixou de ser prejudicial à freguesia da Póvoa de Santa Iria. As comunicações eram dificultadas, pois se dispndia imenso tempo, calcuando estradas péssimas, para se atingir a sede do concelho. Tão defeituosa organização administrativa mantinha-se por interesse eleitoral.

Por um decreto, a Póvoa foi agora anexada ao concelho de Vila Franca, ao qual está ligada pelas vias fluvial e ferroviária, bastando escassos vinte minutos em comboio para se chegar à sede do concelho. A população acha-se, por isso, mais satisfeita.—C.

Quando se fará a prorrogação da lei do inquilinato?

Temos em nosso poder algumas cartas de leitores de A Batalha chamando a nossa atenção para a situação em que se encontra o inquilinato, devido à circunstância de não estar esclarecida a lei na parte que se refere à prorrogação dos contratos de aluguer de rendas de casas.

As apreensões dos referidos leitores, sob todos os aspectos, são justíssimas. A actual lei do inquilinato caduca no dia 31 de Dezembro. Mas é bom não esquecer que as rendas correspondentes ao mês de Dezembro, nas casas para que está estabelecida caução, já foram pagas.

No primeiro dia do mês que vem devem pagar-se as rendas do mês de Janeiro. Sendo nessa data ignorado ainda o futuro do inquilinato, os senhorios estão no direito de recusar as rendas que os inquilinos lhes vão entregar, alegando que a lei caducou e que os contratos de aluguer de casas ficaram por esse facto rescindidos.

Desse facto resultarão alguns conflitos entre senhorios e inquilinos cujas consequências são difíceis de prognosticar.

O ministro da Justiça, correspondendo às inúmeras solicitações que lhe foram feitas, fez publicar nos jornais uma nota oficiosa dando a perceber ao inquilinato que a lei do dito ia ser prorrogada até 31 de Dezembro de 1927.

Ora o que é verdade é que essa nota oficiosa não resolve o assunto. Se antes do fim do mês corrente não for publicado o decreto prorrogando a actual lei do inquilinato esta ficará sem efeito.

A nota oficiosa servirá, quanto muito, para tranquilizar os inquilinos. Porém para resolver o assunto do decreto a que aludimos que — repetimos — deverá ser publicado dentro destes vinte e cinco dias.

Pois é para a publicação desse decreto que apelam os autores das cartas que temos sobre a nossa mesa de trabalho. A lei está prestes a caducar e aos senhorios convém-lhes que o governo se queixe na nota oficiosa para obrigarem os inquilinos ao que as suas ambições os levarem.

Os senhorios manobram. E a melhor forma de lhes inutilizar os intuídos é impedir a rescisão dos contratos de aluguer, fazendo prorrogar a lei do inquilinato.

Um apelo de um operário em favor de «A Batalha»

Sempre que um apelo mais vivo se faz em favor de A Batalha surgem gestos individuais tocos, por vezes, bem comovedores pelo amor que revelam a este jornal.

Ontem conhecemos um camarada que vive no concelho de Cascais e cujo nome não pediu não revelásemos, que nos entregou o apelo que a seguir transcrevemos na íntegra:

A todos os camaradas conscientes

A-pesar da minha situação crítica resolvi tomar a seguinte deliberação: contribuir com mais cinco escudos para A Batalha.

Desejaria, e reconheço como dever, que todos os camaradas imitassem neste momento este meu gesto. Assim, muito em breve seria modificada a situação de A Batalha, impulsionando ao mesmo tempo de uma forma bastante vantajosa toda a organização operária portuguesa. Um operário consciente do concelho de Cascais.

Este apelo tão singelo na sua linguagem é entretanto bem eloquente porque provém de uma pessoa que está vivendo na mais precária das circunstâncias.

Para ele chamamos a atenção dos nossos leitores, visto seguido, não dispensaria de darmos o triste espectáculo de falta de recursos constantes.

Se a grande maioria do operariado tivesse a consciência do valor de A Batalha estaria livre de apertos e disporia de recursos que lhe proporcionariam uma vida mais desafogada em prol das classes trabalhadoras.

Uma pretensão dos agricultores

CARTAS ESPIRITUAIS

As penitentes de hoje só procuram enfeites para aceitar a volúpia dos seus adoradores

Mas a mulher não tenta só indo ao deserto, rondar a gruta das ascetas, ou aos mosteiros polir a cela dos irmãos do Senhor. Tudo ela aproveita e a tudo recorre para atingir os fins que tem em vista: perturbar-nos a carne e entristecer-nos a alma. Por isso uma vez veste-se de penitente e vai ao próprio tribunal da confissão tentar os sacerdotes mais austeros; outras finge-se enferma, mandando adornar e perfumar a alcova com tais cores e apertivos que só não caem os que não tenham alma nem carne a revesti-la.

Quando São Filipe de Neri estava em Roma, a tirar o curso de teologia, aconteceu-lhe ser chamado uma vez, por certa dama de distinção, para que a fosse ver e confortar com os divinos sacramentos.

Chegado à porta, imediatamente o recebeu, fazendo-o penetrar na alcova onde jazia. Alcatifas, poltronas, adornos, aconchego, bem estar — nada faltava ali.

A falsa penitente inicia, desde logo, uma longa e bem conduzida conversa, há muito preparada, mas com tão perturbantes palavras que o santo confessor, atordado, sente que vai faltar-lhe o chão. Tolda-se-lhe a vista, os sentidos fraquejam, a cabeça dá de si. Estava quasi a succumbir quando uma voz do céu lhe diz: «Segura-te, Filipe».

Era Nossa Senhora que se postara de atalaia, atrás do repositório.

Só então é que o Santo reparou no abismo onde sua alma esteve prestes a cair. E se até ali resistia, embora com fracas e hesitantes evasivas, agora já respondia a tudo, clara e terminantemente — que não.

Em frente de semelhante resistência, nunca por ela experimentada, a dama irrita-se, desmoroneia-se, e, fora de si, no auge da cólera e do cio, arremeteu-lhe um escabelo à testa!

Fortemente no corpo como a paciência e na virtude, foi, também, o glorioso São Cristóvão, esse cananeu do Senhor.

Dotado, ao mesmo tempo, duma alta estatura e dum porte magestoso, desde logo, como era natural, a sua pessoa deu na vista.

O imperador Décio enchia então o mundo com o incêndio das suas perseguições. E como Cristóvão fosse um dos que ouvia com prazer falar no Galileu, o tirano resolveu dar-lhe uma morte afrontosa e terrível.

Assim, ordena que lhe coloquem na cabeça, depois de aquecido numa fôrma até ao rubro, um capacete de bronze.

Quando, porém, Deus quer, diz um adágio irlandês, até a neve faz ferver a panela. Neste caso diríamos: até o bronze candente refrigera.

Porque foi esse o caso.

São Cristóvão, ao ser-lhe aplicado, com tenazes, o esbraseante capacete, ergueu as mãos ao céu, começando a rezar serenamente. Feito o que, instantaneamente, o instrumento de suplicio se mudou em suavíssimo agasalho.

O tirano, irritado com tamanho fracasso, ordena que, sem demora, o membrudo Cristóvão seja amarrado a um banco de ferro, sob o qual manda fazer uma vasta fogueira, determinando ao mesmo tempo que, sobre as carnes do mártir, se derramem sucessivas caldeiras de azeite, a ferver a cachibó.

Ainda desta vez a Providência o consolou, transformando em refrigério essa martirização ignia.

Pelo que São Cristóvão, tornando a erguer as mãos e a sorrir, agradece ao Senhor.

Duplamente irritado, o imperador ordena que o liguem a um poste e, sobre ele, os soldados despejem tantos dardos quantos os necessários para lhe arrancarem a vida.

Em vão. Porquanto os carrascos, que tinham levado um dia, depois outro e outro, a alvejar o sem um minuto de descanso, acabaram por verificar que nenhuma das setas o tinha beliscado sequer.

Mais irritado ainda, se é possível, exige que lhe arranquem os olhos, com espetos de ferro esbraseante.

Ainda desta vez o supremo Senhor proveu que não se enganaram aqueles que em seu poder confiaram, pois que à primeira tentativa dos carrascos sobre os olhos de Cristóvão, os ganchos, desfeitos em mil bocados, converteram-se em rosas que caíam sobre o corpo do santo, como os anjos, lá do céu, as estivessem desfolhando e espargindo.

E foi então, venerando cardeal, que o miserável Décio lançou mão dum suplicio novo visto — o último recurso da sua perversidade!

Encerrado Cristóvão numa prisão, ordenou que lhe dessem por companhia duas formosas cortesãs, das mais atrevidas e impudicas que na cidade houvesse, tendo antipaticamente recebido do tirano este mandato imperativo: a corrupção do santo.

A história transmitiu-nos não só os seus detos mas ainda os seus nomes. Chamaram-se Nicete e Aquilina.

O santo foi despido e as tentadoras ora se ornavam com as galas mais próprias ao intento, ora, postas igualmente em pleno estado de nudez, passeavam a sua impudícia na presença daquele pacientíssimo gigante.

Pois até mesmo a esse espantoso suplicio o nosso bemaventurado resistiu.

Tão singular martírio recorda-me aquele, igualmente espantoso, registado pelo martirologio romano e comemorado pela Igreja, a 28 de Julho.

Reinava então no mundo o Imperador Valeriano. Ora, constando-lhe que na Tebaida vivia um certo, inflexível penitente, que resolvera morrer por nos braços do Senhor, chama a si o angélico asceta, resolveu a quebrar tamanha resistência, estando, ao mesmo tempo, tão copiosa fonte de virtudes.

Para isso determina que o dispam e o deem sobre um leito de rosas, macio como amlino e perfumado com as mais finas e estonteantes essências, tendo-lhe antecipadamente, amarrado fortemente os pés e as mãos às colunas do mesmo leito.

Seguidamente — a quanto chega a hediondez humana! — entrega-o à mais luxuosa e deslavada corteza que, para esse fim especial, mandara vir de Alexandria.

Que faria V. Eminência colocado em tão angustiosa prova? Pediria a Deus, não é verdade? que lhe viesse antes a morte que tal sorte.

Pois o bemaventurado em questão não chegou a atingir, no desespero, um tão alto grau de perfeição e resignação cristã. O que não quer dizer que succumbisse. Pelo contrário.

Vendo que a certeza, em sua deslante nudez, preparava o ataque solicitando-o ao pecado, convidando-o à torpeza, retea os músculos, procurando, na violência do esforço sobre humano, despedaçar os ferros

que o agrihóam. As algemas, porém, nem dão de si. E' que o tirano, prevendo a resistência do asceta, tinha chumbado o leito à terra.

Foi então que ele, receando ver murchada a flor da castidade, e não tendo outra arma, cortou a língua com os dentes e escurou-lha na cara!

Não julgue V. Eminência que semelhantes casos sejam raros.

Não são. Basta percorrer uma ou duas páginas do *Flos Sanctorum*, para vermos que, nesses tempos de penitência e de virtude, os factos desta natureza eram tão frequentes como hoje os destempêros e as loucuras.

Tão numerosos que nós, ao penetrarmos nessas vastas florestas do prodígio, começamos, é certo, mas começamos para nunca acabar.

Não sei se a folhinha da vossa diocese regista o nome de certo Columbano, oriundo da Irlanda.

Se não regista, peço V. Eminência mandá-lo registar, por que fornece, como já vimos ver, um exemplo digno de ser seguido por todos, e em especial pelos meninos das escolas.

Pois São Columbano, que viu, como acima se diz, a luz do dia entre as belas irlandesas, era por estas tão seguido e perseguido que esteve a ponto de se perder com elas.

Pensando, porém, na fealdade do pecado e na dor que se segue ao prazer que nos fornece a carne, o jovem irlandês toma um singular expediente: lança-se no estudo da gramática e da retórica, e com tal apêgo, que dentro em pouco viu cair todas essas vaidades com que se enfeita a mocidade.

No combate à mulher, justo é não esquecer o mais glorioso dos nossos patriarcas, o místico São Francisco de Assis, que preferia morrer a ter com ela o mais leve contacto. Concebido num amor leito só de virtude, baptizado na presença dos anjos, criado com as graças de Deus e a assistência continua do Espírito Santo, parece que nenhum ser mortal poderia dele aproximar-se sem ficar santo como a própria virtude, tão casto como a própria pureza.

Pois houve, Ex.ª Cardeal: foi a mulher. Uma mulher!

E não foi só uma vez nem duas. Foram muitas.

Quando, certo dia, ele mais se afaçava na organização da sua ordem, em que Deus e os anjos trabalhavam também, conjuntamente, foi procurado por uma dama que, tendo começado por falar-lhe em virtude, acabou, a delambada, esboçando contactos impuros, chegando mesmo a convidá-lo a actos luxuriosos.

O santo, confuso e atarantado, mas subitamente iluminado pelo céu, respondeu que sim, mas, para isso, era necessário encontrar um lugar conveniente.

Retirando-se para dentro e com a ajuda de Deus, foi a um canto e ali preparou um grande brazião. Quando notou que este derramava um intenso, um infernal calor, chamando a corteza, deitou-se sobre as brazas, exclamando:

Aqui me tens, mulher!

Isto, porém, não quer dizer que todas as mulheres se prontifiquem sempre a fazer quanto o Diabo quer.

Há excepções. E todo o me rejubilo trazendo-as para aqui, ali, de que todos possam vê-las, admirá-las e segui-las.

Quem não conhece, por exemplo, essa Santa Neomésia que, para não levar os homens ao pecado com a sua beleza, pede a Deus e alcança que ele lhe converta os seus encantos naturais em deformidade hedionda?

Santa Lúcia, virgem cheia de graça e de mocidade, via com profundo desgosto a turba dos seus adoradores aumentar dia a dia.

Por toda a parte onde seus passos vão, mil olhares se cravam no seu rosto, incendiados de amor e deslumbrados por tão peregrina formosura.

O pobre e o rico, o velho e o novo, o fraco e o forte, todos, em seus corações, lhe erguem altares.

A sua fama vai tão longe que os mesmos príncipes e reis lhe oferecem os tronos, a fim de engrandecer-lhe a fronte com o diadema de rainha.

Santa Lúcia, porém, não cessa de chorar sua desdita — a de assim ter nascido, cheia da mais estonteante formosura.

Vendo que nem as orações de toda a hora, nem os jejuns contínuos, nem os cilícios sempre renovados conseguem apagar tão consumada perfeição, resolve...

que jalgas vós que ela resolve, ó confessadas do sr. D. João de Milene, ó romeiros do sr. padre Farinha e vós também, ó beatas da Sé, devotas do Bairro Alto, coristas e contentinas de quem e de além Tejo?

Comparai vós também, illustre cardeal, o procedimento de Lúcia com o das penitentes de hoje e dei-me-se nelas há sombra sequer de sacrifício e caridade cristã.

Porque enquanto estas só procuram enfeites para agradar ao mundo, ela peçia a Deus que lhe enrugasse a pele e deformasse o rosto, para maiores virtudes carregar para o céu.

Enquanto Santa Lúcia se amortalha em estaménha, as vossas usam decotes repugnantes, saias altas e meias de seda transparente. E para quê? Para aumentarem o zelo ao sacerdote? para que Deus melhor as veja?

A inversa ressalta claramente, pois nunca um sacerdote foi zeloso junto de mulheres nus. Nem o autor do mundo as pode ver, dessa maneira, se não para as mandar, em corpo e alma, de presente ao Diabo!

Perfeitamente o sabem todas, porque o têm ouvido e lido. Mas bem se importam elas. Continuam levianas e mundanas. Para maior certeza de que os homens as vejam e requestem, usam carmim nos lábios e no rosto, e não sei que negras esfumadas em torno daqueles olhos inquietos, que brilham e criam, que deslumbram e arrastam.

Pois a Santa que os unhas como jamaís foram vistos em rosto de mulher, não os tornou mais inquietos; não os pintou, não os cerzuiu, não os pôs em destaque.

O que fez — diga-o V. Eminência a essas tolas — foi simplesmente e virtuosamente pegar na sua tesoura de costura e arrancar um e depois outro, erguendo em seguida para Deus as duas mãos e as duas orbiças vazias, rezando agradecida, por ver que enfim já podia caminhar e espalhar a virtude sem que ninguém de tal a impedisse ou perturbasse.

E bem sei, Eminência, que ides dizer-me que as Neomésias e as Lúcias acabaram há muito. E' certo. Mas acabaram por quê? Por culpa de quem tem o sagrado múnus de confessar e comungar, de aconselhar e corrigir.

Se, como outrora, os pregadores annun-

TEATRO SALÃO FOZ

Matinée às 3 h. Soirée às 8,45 h.

MAGNÍFICO ESPECTÁCULO DE ARTE no qual tomam parte os distintos artistas

ROUSSANOWA-DEMINE bailarinos russos, que ontem apresentaram novos números

ADELINA NAJERA caçonetista espanhola, género sentimental

DIAVOLINA Castiza bailarina espanhola

No écran — «EU PECADOR», 6 actos, por B. Barba Castleton

Concerto pela FOZ MELODY BAND

HIGIENE E NATURISMO

Os desportos e os seus perigos

Há tempos passava eu numa rua, ali para os lados de Belem, quando notei que, afoqueados, corriam uns sobre outros, vários rapazes envergando *équipes* dos respectivos grupos a que pertenciam.

Parei de súbito para ver passar os pedestrianistas e, num rápido exame ao seu exterior físico, constatei que os corredores não tinham, na sua maioria, condições para tais práticas desportivas, próprias a indivíduos de organização física avançada.

Insuficiência muscular e torácica, lordoses e escolioses bem declaradas, sinais visíveis de cansaço, foi o que observei naqueles rapazes, crentes de que iam a praticar um desporto capaz de lhe garantir a saúde e uma longa vida.

A falta dum critério consciente sobre a cultura física e a sua individualização específica tem tido por consequência graves desarranjos patológicos em que a tuberculose é por vezes o seu estado final.

A humanidade encontra-se numa situação em que, em cultura física, nem tudo serve para todos.

Há indivíduos de constituição débil em que o escrofulismo, a tuberculose, o nervosismo e outras doenças dependentes de diáteses que caracterizam a pobreza orgânica dos mesmos e que, mercê dos seus estados mórbidos não podem dedicar-se a determinados exercícios físicos que só naturas robustas desenvolvidas ou suscetíveis de desenvolver podem cultivar.

Assim, para a grande maioria dos jovens, sobretudo os das cidades, está indicada a gymnástica respiratória, higiénica e médica, a vida ao ar livre, etc., sempre sob a direcção de médicos da especialidade. Nestes indivíduos as sessões vulgares de gymnástica colectiva, o futebol sem conta nem medida, o pedestrianismo desregado, a natação excessiva, «o homem não é anfíbio», etc., etc., são sempre práticas desportivas perigosas.

Só constituições privilegiadas podem entregar-se a exercícios pesados que exigem por parte do «sportman» força, destreza e agilidade.

Contudo, tenho constatado em indivíduos que foram o que se chama naturas robustas, certas afeições cardíacas contrárias exactamente sob uma cultura física violenta.

As miocardiites, as endocardiites, as insuficiências cardíacas são as doenças em geral, reservadas aos atletas.

Só o desconhecimento dos mais rudimentares princípios da fisiologia permite que tantas barbaridades contra a natura se pratiquem.

Seria difícil provar, dum maneira lógica e racional as vantagens, sob o ponto de vista biológico, dos grandes percursos de natação, «10, 20, 30, quilómetros» de levantamento de pesos e alteres, «50, 100 quilos», os combates de box, e de tantas outras brutalidades que empolgam a emotividade mórbida das multidões.

A missão da moderna biocultura não é criar atletas, que em geral são uns abortos que estão no domínio da patologia, mas sim robustecer o exército enormíssimo de depauperados, candidatos às grandes degenerescências e que só uma geração de crentes e raquíticos ao futuro podem dar.

Assim, a cultura física natural em que a gymnástica respiratória, o futebol moderado, a natação não excessiva, o dardo, o pedestrianismo metódico, a vida ao ar e ao sol, a higiene alimentar e sexual são inconteavelmente, quando bem especificados para cada indivíduo ou classes de indivíduos, os meios mais eficazes para obter:

Saúde, vigor e beleza.

Lion de CASTRO

A' venda na administração de "A Batalha"

Cartilha do homem do povo. \$50

Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Lofregne. \$50

O que é ser socialista?, por Ernesto da Silva e Ladislau Batalha. \$50

Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva. \$150

Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar. \$100

A Humanidade, por Iraj Javol. \$150

O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin. \$250

Monarquia Jesuitica, por Melchior Zuchner. \$250

Os gatos, por Fialho de Almeida, os três primeiros números da 2ª série. \$250

O Mitrismo, pelo prof. Almeida Paiva. \$250

Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas. \$300

A Religião da Humanidade, por José Augusto Correia. \$350

classem e explicassem, do alto dos púlpitos, a doutrina em que foram educadas as Neomésias e as Lúcias; se os novos levitas emitassem, não digo já os Ezequiel e os Izaias, mas ao menos os Vieiras e os Bernárdes, creia V. Eminência que alguma coisa emendariam.

E nós, em lugar de vermos as igrejas cheias de besibilhoiteiras e mundanas, com automóveis de luxo e *chauffeurs* adamados que as transportam de novena em novena, de *Te Deum* em *Te Deum*, muitas delas apenas para que lhes vejam as pernas quando sobem aos trens — nós, em lugar dessas depravações, veríamos reinar por toda a parte a pudicícia e o recato, a abstinência e a estaménha.

E então sim, as Lúcias voltariam. Voltariam aos cardumes, tal como as andorinhas aos casais que deixaram no outono, e as flores da primavera aos campos e às montanhas que o sol de Deus reverdece.

Tomás da FONSECA

TIVOLI

Telefone N. 5474

As 21 horas

Uma mulher de 40 anos

alta comédia com

PAULINE FREDERICK, Laura La Plante e Mc. Gregor

O arabe

Comédia de aventuras com Ramon Navarro, Alice Terry e Maxudian

Um Documentário Português

REVISTA MUNDIAL

TEATROS

«O Paralítico» no Nacional

Há muito que se não regista um tão grande êxito teatral como o que está obtendo no teatro Nacional o emocionante drama «O Paralítico». Ainda ontem o nosso primeiro teatro de declamação registou uma enchente, sendo delirantemente aplaudidos todos os intérpretes da sugestiva peça, especializando Alves da Cunha, que tem um papel digno de figurar ao lado das suas grandes interpretações de «A Garra», de «A Taberna» e do «Saltimbanco».

Deve-se recordar nesta pequena notícia o nome prestigioso de Araújo Pereira, que, com o seu cuidadoso método de ensaio, muito contribuiu para o êxito que está obtendo o velho drama «O Paralítico».

A peça que faz rir a valer

Nenhum teatro de Lisboa tem presente uma peça que faça rir o público uma noite inteira, a bandeiras despregadas, como o Avenida, onde continua imperando o famoso e desopilante «Pão de Ló», monumento de gargalhada que ninguém é já capaz de destruir, pois que continua produzindo uma enchente cada noite e fazendo a grande propaganda da magnífica companhia Satanela-Amante.

Bailados russos

Poucos espectáculos de Arte se têm realizado em Lisboa como os que a empresa do Foz está organizando para as suas «matinées» e «soirées». Os bailados russos de Helene Roussanowa e de Georges Demine são qualquer coisa de maravilhoso, revelando dois admiráveis artistas cujo trabalho dificilmente será excedido pelos melhores bailarinos do mundo. Diavolina, a encantadora bailarina que ontem se estreou, obteve um enorme êxito, continuando também em pleno triunfo a formosa completista Adeline Najera e a popular orquestra de «jazz» Foz Melody Band. Os espectáculos abrem com um esplêndido «filme».

E' definitivamente hoje que reabre o Ginásio, com a reposição da comédia «Sonho de uma noite de Agosto», pela companhia dirigida pelos distintos artistas Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro.

O Apolo abre amanhã as suas portas e exhibe a companhia formada e dirigida pelo distinto artista Almeida Cruz, que se estreia com a opereta «A princesa Manequin» que vem precedida de grande fama.

Várias notas da Lisboa triste

Colhido por um fardo de algodão

No posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço foi pensado e recolhido a casa, José Baptista, de 25 anos, tanoeiro, residente na Vila Flamiano 24, em Marvila e que foi colhido por um fardo de algodão em Xabregas, ficando ferido no pé direito.

Atingido por um coice de boi

Na enfermaria de São Francisco do Hospital de São José, deu entrada, José Pinheiro, de 52 anos, jornaleiro, natural de Alverca, residente no Casal do Bom Sucesso, aos Olivais, e que, quando no Alto da Portela, ajudava a ferrar um boi, foi atingido por um coice ficando com a perna esquerda fracturada.

Atropelado por uma carroça

No Banco do Hospital de São José, recebeu curativo e foi para casa, Albano Simões, de 27 anos, natural de Oóis, trabalhador, rua das Fontainhas, 1, que no largo de S. Domingos foi colhido por uma carroça ficando contuso no tórax.

Uma atriz vítima de um desastre

No Banco do Hospital de S. José, foi ontem pensada a atriz da companhia francesa do Teatro da Trindade, Jossite Gross, de 24 anos, natural de Paris e residente na rua da Prata, 30, 5.ª, que, caiu no palco daquele teatro, fracturando um pé. Recolheu depois a casa.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Caboquizeiros e Fabricantes de Cal

A festa em benefício da reparação da sede da Associação dos Caboquizeiros e Fabricantes de Cal que devia ter-se realizado nos dias 30 e 31 de Outubro findo, ficou transferida para 6 e 7 do corrente, isto é, sábado e domingo, às 21 horas.

INSTRUÇÃO

Universidade de Instrução e Educação

Na secretaria da 2ª secção desta Universidade, instalada na rua do Paraíso, 23, 1.º, continuam abertas as matrículas todos os dias, das 13 às 15 e das 17 às 23 horas, para os cursos diurnos e nocturnos de primeiras letras, instrução primária, caligrafia, português, francês, aritmética e escultura comercial, podendo inscrever-se nestes cursos todos os indivíduos de ambos os sexos, adultos e crianças, de qualquer profissão.

FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Firmo Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

TEATRO AVENIDA

Telef. N. 4395

O teatro mais popular de Lisboa

HOJE, às 21,30 horas

COMPANHIA SATANELA-AMARANTE

Espectáculo sem rival em Lisboa e o único teatro que explora com êxito e agrado, a génese da comédia musical

O PÃO DE LÓ

na provincia e arredores

Marinha Grande

A noite de finados ou uma mórbida manifestação reaccionária

MARINHA GRANDE, 2.—A noite passada surpreendeu-nos um clamor altíssimo, que muito se assemelhava a pedido de socorro. Não resistimos à tentação de vermos, e conhecemos a razão de ser de tal charivari tão a desoras.

Já perto dos noctámbulos verificámos serem mulheres, vestidas com trajes de dó, rezando e perorando em altos brados!

Pessoa amiga então explicou-nos que era uso entre as fanáticas, levantarem-se por noite alta, com estrelas no céu, e com uma tumulante luzinha, caminharem em direcção à igreja, pedindo pelos seus, para que o Nazareno livre suas almas do purgatório; afugente a miséria, os inimigos e traga em compensação muita felicidade e muito dinheiro.

Ora a noite de finados e porisso a padralhada aconselhara aos estúpidos e aos ignorantes, pobres acéfalos, que caminhassem para a morte de sorriso à flor dos lábios, que viessem carpir dolorosamente os seus queixumes, para o silêncio religioso da noite.

Mas à clericalia convém sobremaneira tudo isto para explorar o povo ingénuo e crente, para roubar os desgraçados que lhe caem debaixo das azas negras e sinistras.

Porisso não admira que essa gente simples e inconsciente, supondo autênticas as patranhas que os padres lhe impingem, se preste a coisas tão revoltantes.

Para admirar é que se deixem campear scitais tão tenebrosas, que semeiam a escuridão por toda a parte, teimando em cobrir as poucas luzes da inteligência que alumiam a Terra, e nos vão indicando o caminho seguro da libertação. Para admirar é que se deixem avançar os torquemas, os carolos e todos os vendilhões clericalistas.

A reacção alastra pavorosamente, pretende alcançar de novo a época do seu predomínio, pretende reivindicar o seu antigo fausto e império.

Nestas condições é absolutamente necessário que a voz austera da verdade chegue a essa pobre gente, e a esclareça um pouco, lavando-lhe o espirito, depurando-lhe o raciocínio.

A Igreja, sinistro abutre, devora a consciência desta gente obsecando-a

MARCO POSTAL

Lourenço Marques.—A. Andrade.—Recebemos carta com 200\$00. Ficou pago até 30 de Setembro.

Segue o Suplemento para Valpaços.

Coinbra.—F. Maria dos Santos.—Recebemos 20\$00. Ficou pago a assinatura até ao final do actual mês.

Arnaldo Simões Januário.—O que nos diz no seu postal a respeito do recibo que foi à cobrança está certo.

Peniche.—F. Martins.—Recebemos 20 escudos. Pagou a sua assinatura e a de António de Oliveira, até ao fim do corrente mês.

Cabeção.—Francisco Prates Torrado.—Recebemos 15\$00. Assinatura paga até 10 do corrente.

Gala.—José P. Lourenço.—Tem vindo devolvendo várias vezes o recibo da assinatura do Suplemento e *Renovação* que temos enviado à cobrança: desejamos saber os motivos. Ass. dos Tamoieiros.—Desejamos nos informem como devemos proceder à cobrança do recibo da vossa assinatura que tem vindo devolvendo várias vezes.

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	95\$00	
Madrid, cheque	2\$99	
Paris, cheque	563	
Suécia, cheque	2\$78	
Bruxelas, cheque	5\$5	
New-York, cheque	10\$60	
Amsterdão, cheque	2\$84	
Itália, cheque	3\$5	
Brasil, cheque	2\$70	
Praga, cheque	5\$8,5	
Suécia, cheque	5\$24	
Austria, cheque	2\$77	
Berlim, cheque	4\$57	

TEATROS

Nacional.—A's 21,15.—O Parolítico. Avenida.—A's 21.—O Pão de Ló. Politeama.—A's 21,15.—Os Filhos. Trindade.—A's 21.—Oh! Lá! Lá! São Luís.—A's 21.—Maravilhas (La Caseleria). Gimnasia.—A's 21 horas.—Sonho de uma noite de Agosto. Apolo.—A's 20,30 e 22,30 horas.—A Princesa Manuquin. Eden.—A's 20,45 e 22,45.—Cabaz de Morangos. Variedades.—A's 20,30 e 22,45.—Sarcotida. Maria Vitória.—A's 20,30 e 22,30.—Pistidra. Coliseu.—A's 21.—Companhia de circo. Salão Foz.—A's 15 e às 20,30.—Variedades. Avenida Parque.—Diversões.

CINEMAS

Tivoli.—Avenida da Liberdade. Olympia.—"Matinees" e "soirées".—Salão Central.—Praça dos Restauradores. Chiado Terrace.—Rua António Maria Cardoso.—Cinema Condé.—Avenida da Liberdade.—Pathe Cinema.—Rua Francisco Sanches.—Salão Ideal.—Rua do Loreto.—Eden Cinema.—Rua do Alívio (Alcantara).—Cine Paris.—Rua Ferreira Borges.—Alhambra.—Parque Mayer. (Variedades).—Salão Lisboa.—(Mouraria).—Cine Esperança.—(Rua da Esperança).—Domingos, terças, quintas e sábados, às 20,30.—Animatógrafo.—Salão da Promotora.—A's 20 horas.

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiosque

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões.—Dr. Armando Nardes.—A's 5 horas. Cirurgia, operações.—Dr. Bernardo Villar.—4 horas. Rins, vias urinárias.—Dr. Miguel Magalhães.—10 horas. Pele e sífilis.—Dr. Correia Figueiredo.—11 e às 5 horas. Doenças nervosas, electroterapia.—Dr. R. Loff.—12 horas. Doenças dos olhos.—Dr. Mário de Matos.—2 horas. Garganta, nariz e ouvidos.—Dr. Mário Oliveira.—12 horas. Estômago e intestinos.—Dr. Mendes Belo.—3 horas. Tratamento de diabete.—Dr. Ernesto Romão.—3 horas. Higiene e dentes.—Dr. Armando Lima.—10 horas. Cancro e cancro.—Dr. Eduardo de Melo.—4 horas. Kelo X.—Dr. Alceu Salgueira.—4 horas. Análises.—Dr. Gabriel Beato.—4 horas.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Assembleia Geral Extraordinária dos Srs. Accionistas

Nos termos da 2.ª parte do art. 31.º e seguintes dos Estatutos desta Companhia, aprovados por Alvará de 30 de Novembro de 1894, é convocada a Assembleia Geral Extraordinária dos Srs. Accionistas, possuidores de 100 ou mais acções, segundo os preceitos do mesmo art. 31.º, para se reunir em Lisboa, na sede social, no dia 27 de Novembro de 1926, pelas 14 horas.

ORDEM DO DIA

1.º Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da projectada linha de Tomar à Nabareth; 2.º Autorisar o Conselho de Administração em negociações com o Governo para o estabelecimento do contrato de construção e exploração da linha de Rio Maior e Ramal de Peniche, nos termos do Decreto n.º 12.524, de 22 do corrente, publicado no "Diário do Governo" n.º 235-I, Série, da mesma data.

Para os srs. Accionistas poderem tomar parte nesta Assembleia, devem as «acções nominativas» ter sido averbadas até ao dia 27 de Outubro corrente, inclusive, e as «acções ao portador» ter sido depositadas até às 12 horas do dia 12 de Novembro, p. futura.

Em Lisboa.—Na sede da Companhia; no Banco de Portugal; no Banco Commercial de Lisboa; no Banco Lisboa e Açores; no Banco Nacional Ultramarino; no Monte-Pio Geral; no Credit Franco-Portuguez; e na casa Bancária Fonseca, Santos & Viana. No Porto.—Na filial do Banco Nacional Ultramarino.

Em Paris.—Nas caixas do Comptoir National d'Escompte de Paris; do Crédit Lyonnais; da Société Générale de Crédit Industriel et Commercial; da Société Générale pour favoriser le développement du Commerce et de l'Industrie en France; da Banque de Paris et des Pays-Bas; e da filial do Banco Nacional Ultramarino.

A proposta do Conselho de Administração, a submeter à apreciação da Assembleia Geral que fica convocada, está patente na sede social da Companhia, para ser examinada pelos srs. Accionistas que houverem efectuado o depósito das suas acções.

Os bilhetes de admissão à assembleia geral serão: passados pela Comissão Executiva da Companhia, em vista das acções averbadas ou dos recibos dos depósitos das acções ao portador.

A assembleia constituir-se e poderá validamente deliberar nos termos dos estatutos designadamente Art. 31.º. Lisboa, 27 de Outubro de 1926.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral (A) Carlos Ary Gonçalves dos Santos.

Caminhos de Ferro do Estado

EDITORES DE 30 DIAS

Pela Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste correm editores de 30 dias, nos termos da Carta de Lei de 24 de Agosto de 1848 e Decreto de 5 de Dezembro de 1910, a contar da ultima publicação deste annuário no "Diário do Governo", citando todas as pessoas incertas que se julguem com direito ao todo ou parte da quantia de 22\$140 (duzentos e vinte e um escudos e quarenta centavos) relativa à liquidação das contas deixadas pelo fcl-de-balança António Eduardo Trindade, falecido em 23 de Outubro do anno findo e a cuja quantia se habilitou Onofrio dos Santos Carvalho Trindade, esposa que foi do falecido. Lisboa e Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, 28 de Outubro, de 1926. O Chefe do Serviço da Secretaria, (A) Vasco Lupi

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora... Sapatos em verniz... Botas pretas (grande salto)... Botas brancas (salto)... Grande salto de botas... Letra de cor para nome...

Não confunda a SOCIAL OPERARIA com a Social Operaria e não confunda a Social Operaria com a Social Operaria e não confunda a Social Operaria com a Social Operaria.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 38 desta revista intitulada *El drama de un amor vulgar*, de J. Rodriguez Aragón. Preço, \$50. Pedidos à administração de *A Batalha*.

NAO COMPREM LIMAS OU GROSAS sem consultar a Empresa de Limas União Tomé Feteira, Lda Sede em VIEIRA DE LEIRIA Fabrico mecânico de todos os tipos e dimensões, em franca concorrência com as melhores marcas estrangeiras. EXPERIMENTAR É ADOPTAR—Visitem a nossa agência em Lisboa Travessa do Fala Sô, 9-B TELEF. N. 3415

O AUTOMÓVEL SÓ ERA ACESSÍVEL AOS RICOS A Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs PROLETARIZOU-O

Porisso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o taxis "Citroën" (palhinha amarela) a qualquer outro

Telefones: Norte 5521 e 5528 Escriatório e Garagem: Rua Almirante Barroso, 21

PELES!!! A casa que melhor sortido apresenta e que mais barato vende é a PELARIA CONFIANÇA 6—Rua da Palma—3-A Esta casa tem sempre um grande stock de malhas para senhora, vindas directamente das melhores fabricas estrangeiras. Barreiros & Jesus TEL. N. 3691

Depósito da Covilhã

ROSSIO, 93, 1.º Telefone N. 4653

Acabam de chegar muitos pedrões de boas fazendas de lã para punha directa das fabricas ao publico, que vendemos por baixos preços. Estampados e casimiras desde Esc. 11 600 o metro. Grande sortido das principais fabricas do pais, e um escolhido a ritmo de fazendas estrangeiras que vendemos por preços sem comparação. Ha leitões e fazem-se por medida, sobretudo para homens e crianças desde Esc. 183000. Casacos de senhora desde Esc. 120000. Tem alfaiataria para a sua enrome cliente.

Executam-se fatos em 24 horas

Manda amostras para a provincia e em Lisboa ao domicilio

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3\$00. Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6\$00. No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6\$00. A venda nas livrarias e na administração de *A Batalha*. Depósito: "Livraria Renascença", Rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

E contra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonzo, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinal, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 45\$000.

Encadernação (por capas e índice) 20\$000.

Capas e índice em separado, 15\$000.

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de *A Batalha*.

"A BATALHA" no Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, CIÊN. CIA E ENSINO

Abel Botelho—Amor...	16\$00	Jorge Teixeira.—Gatunos de Luva Branca—A Escamalha (peças de teatro).....	2\$50
Alexandre Heroultano Lendas e Narrativas (2 volumes), Cartas (2 volumes).....	18\$00	Juliano Quintinha Visinhos do Mar.....	8\$00
História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal (3 vols.).....	27\$00	Cavalgado do Sonho.....	8\$00
Adolfo Lima Contrato do Trabalho.....	10\$00	Terras de Fogo.....	\$25
Educação e ensino.....	5\$00	Dor vitoriosa (novela).....	\$25
O ensino da história.....	1\$50	Laisant.—Iniciação matemática.....	5\$00
Aquino Ribeiro Poder redentor (novela).....	\$25	Malvert.—Ciência e Religião.....	10\$00
Anatole France.....	3\$00	Mário Domingues—Hugo, o pintor (novela).....	\$25
Estrada de São Tiago.....	10\$00	Anastácio José (idem).....	\$25
Jordim das Tormentas.....	10\$00	Manuel Ribeiro Mirbeau.—O Jardim dos Suplicios.....	4\$00
Via Sinuosa.....	10\$00	Nogueira do Brito I—Memorias de Angela Pinto	15\$00
As Filhas da Babilônia.....	10\$00	Sangue Fidalgo (novela).....	\$25
Terras do Demo.....	10\$00	Não, diz a Lei (novela).....	\$25
Augusto Machado—Impossível redenção (novela).....	\$25	Pargama—Origem da vida.....	8\$00
Augusto de Sousa.—Folhas perdidas (Edos).....	10\$00	Oliveira Martins Helenismo e a Civilização Cristã.....	15\$00
Bento Faria.—Missa nova (teatro em verso).....	2\$00	História da Civilização ibérica.....	15\$00
Binet-Sangle.—A loucura de Jesus.....	4\$00	História da República Romana (2 volumes).....	30\$00
Buckner.—O homem segundo a ciência.....	12\$00	História de Portugal (2 vols).....	30\$00
Força e Matéria.....	12\$00	Raças Humanas (2 vols).....	30\$00
Charles Darwin—Origem das espécies.....	14\$00	O Brasil e as Colónias Portuguezas.....	15\$00
Campos Lima O Estado e a evolução do Direito O Amor e a Vida.....	12\$00	Cartas Peninsulares.....	15\$00
Cela dos Pobres.....	2\$00	Sistema dos mitos e ficções religiosas.....	15\$00
A Revolução em Portugal.....	6\$00	Orlando Marçal Agulhas claras.....	6\$00
Cristiano Lima—A escola de Nun'Alvares (novela).....	\$25	Imagens de Sonho.....	1\$00
Duarte Lopes.—Frei Sangue.....	5\$00	Raul Brandão Os Pescadores.....	10\$00
Eça de Queiroz O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Os Pobres.....	10\$00
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	O Teatro.....	8\$00
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Spencer—Da Educação (br. \$500) encadernado.....	8\$50
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Sobral de Campos—Dois tiros (novela).....	\$25
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Tolstoi.—A sonata de Kreutzer.....	4\$00
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Ana Karenine (3 vols).....	15\$00
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Toulouse.—Como se deve educar o espirito.....	4\$00
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Wenceslau de Moraes Dai-Nippon.....	12\$50
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Victor Hugo França e Belgica.....	10\$00
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	O Reno (2 v.).....	15\$00
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Os Miseráveis (2 grossos vols) ilustrados, encadernados.....	40\$00
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Zola A Taberna.....	12\$00
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Tereza Raquin.....	5\$00
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Alegria de viver (2 vols).....	8\$00
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	A conquista de Plassans, (2 vols).....	8\$00
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Fecundidade.....	20\$00
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	A fortuna dos Rougons, (2 vols).....	8\$00
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Uma página de amor.....	9\$00
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Dr. Pascal.....	8\$00
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	FOLHETOS	
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Eliseu Reclus—Anarquia e a igreja A Evolução legal e a anarquia	1\$00
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Gonçalves Correia—A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura.....	\$50
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	José Prat.—A burguesia e o proletariado.....	\$50
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	A necessidade da Associação.....	\$50
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Content.—Contra o confusãoismo.....	\$30
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Alfredo Neves Dias.—Razão (poema social).....	\$50
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Ernesto da Silva.—Teatro livre e Arte Social.....	\$30
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Landauer.—Social Democracia.....	\$30
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	R. Mala.—O principio do fim.....	\$30
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	*** A maçonaria e o proletariado.....	\$30
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	J. Most.—Peste religiosa.....	\$50
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	João P. do Rio Definições sociais.....	\$50
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Horas anarquicas (versos).....	\$50
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Trovas da Noite.....	1\$00
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Roberto, o pescador.....	1\$00
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Memórias do Parque de São João do Forte.....	\$75
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	*** Carnet de Pensamento.....	\$20
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	I. Bakunine.—O sentido em que os mos anarquistas.....	\$50
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Chueca.—Como não ser anarquista.....	\$50
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Lazare.—A Liberdade.....	\$50
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	B. Etivant.—A minha defesa.....	\$50
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	I. Kropotkin Os bastidores da guerra.....	\$30
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Moral anarquista.....	\$50
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	O espirito revolucionário.....	\$50
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	O estado e o seu papel histórico.....	1\$50
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	J. Guedes.—Lei dos Salários.....	\$50
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Brand.—A greve geral.....	\$50
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Roland.—Russia Nova.....	\$50
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	*** O sindicalismo e os intelectuais D. Carvalho.—A gestão sindical no periodo revolucionário.....	\$50
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	A. Hamon.—A crise do socialismo J. Santos.—A transformação da sociedade.....	\$50
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Neno Vasco Geografias.....	\$30
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Greve de inquilinos, teatro.....	1\$00
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	*** Proletariado Histórico.....	1\$00
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	G. Archinof.—A Revolução social e o Sindicalismo.....	\$50
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Carlos Rates.—A ditadura do proletariado.....	1\$00
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Emilio Chapelier—Porque não creio em Deus.....	1\$00
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Rodolfo Rocker.—O sindicalismo revoluc. e a organização operária.....	1\$00

se empurravam e esmagavam uns aos outros. No meio desta horrôsa confusão, eu perdi o equilíbrio e caí debaixo do corpo do velho, que o apêto tinha conservado de pé. Este cadáver salvou-me a vida, livrando-me de ter sido esmagado debaixo dos pés que fugiam espavoridos. Contudo recebi tão fortes contusões na cabeça, e corria-me o sangue por tão numerosas feridas, que me senti desfalecer, e pouco depois perdi completamente os sentidos.

Quando voltei a mim, davam dez horas da noite no relógio da escola militar; a luz brilhando no meio dum céu sem nuvens e constelado de estrelas, inundava o Campo de Marte com a sua doce claridade. Reanimou-me a frescura da noite. O meu primeiro pensamento foi para minha irmã. Que angústias devia ela estar sofrendo! Ao longe distinguia eu, de espaço a espaço, a luz errante de vários archotes isolados, com os quais andavam homens e mulheres que vinham procurar e reconhecer, entre mortos e agonizantes, aqueles dos seus que tinham ficado no campo.

De repente, a pouca distancia de mim, reparci numa mulher de esbelta estatura, alta, vestida de branco. Esta mulher não trazia archote, e andava precipitadamente, e parando e baixando-se, olhava atentamente para todas as vítimas, parecendo interrogar-lhes as feições. Sobressaltou-se-me o coração, pois adivinhei que esta mulher era Vitória.

—Minha irmã! lhe disse eu com voz fraca, Vitória, sabendo que tinha havido mortandade, corra para o Campo de Marte, onde deu comigo. O seu extremo tratamento e algumas gotas de aguardente me reanimaram. Vitória estancou o sangue que corria das feridas que eu tinha recebido na cabeça, pensou-as; e eu, encostado ao seu braço, dirigi-me para a porta. Passámos ao pé do estrado onde se elevava o altar da pátria. Os degraus estavam juncados de cadáveres.

Tendo voltado para casa com Vitória, passada uma hora de repouso, eu quis, hoje mesmo, consignar

no meu jornal a descrição deste fatal dia 17 de Junho de 1799.

A minha narração juntei o seguinte trecho dum artigo do jornal de Camilo Desmoulins, que explica as causas dos assassinatos do Campo de Marte, trecho que, salvo um ponto anotado por mim, é duma escriptura exactissima, e que eu copio textualmente.

Camilo Desmoulins, enviando a La Fayette a sua demissão de jornalista:

«La Fayette! libertador dos dois mundos! flôr dos janizários! fênix dos agazuis, D. Quixote dos Capetos e das duas câmaras! constelação do cavallo branco! eu aproveito o primeiro momento em que pize uma terra de liberdade para lhe enviar a minha demissão de jornalista e de censor nacional, demissão por que o senhor há tanto instado; deponho-a também aos pés do sr. Bailly e da sua bandeira vermelha; sinto que a minha voz é muito fraca para se elevar acima de trinta mil espíritos e outros tantos satélites dos senhores ambos, acima do ruido dos seus quatrocentos tambores e dos seus centenares de canhões.

«O senhor e os seus cúmplices da municipalidade e da Assembleia temiam a proclamação dos desejos de Paris, que hão de ser em breve de toda a França; temiam que a nação os julgasse no Campo de Marte! Que havemos de fazer?» pensaram consigo.

—«Ora! venha em nosso auxilio a lei marcial!» serva-nos ela contra os petiçãoários tranqüilos e sem armas, que usam pacificamente do direito de retinção!...

«Ora aqui está o que imaginaram os constitucionais para nos gratificar segunda vez com a lei marcial; e em vez de mandarem enforcar um homem (como o padeiro Francisco), mandaram matar dois...»

Neste ponto Camilo Desmoulins conta a prisão de dois individuos encontrados pela manhã escondidos debaixo do altar da pátria, e continua:

«... Os espíritos, os bandidos legais, tentando imitar com inaudito exagêro os patriotas exaltados, ati-

ram-se a dois infelizes, fazem-nos em pedaços, cortam-lhes as cabeças, e vão passear em Paris comêstes sangrentos trofeus!

«Querias-se preparar assim os cidadãos, pelo horror deste espectáculo, para se sujeitarem a lei marcial. Logo se espalhou em Paris, com a rapidez do relâmpago, a noticia de que duas cabeças tinham sido cortadas no Campo de Marte! Portanto, abaixo os petiçãoários, os jacobinos e os franciscanos! Eis os nossos municipais encantados.»

Aqui Camilo Desmoulins esquece ou passa em silêncio um facto honroso para a minoria do conselho da Comuna de Paris. Os três municipais que tinham ido ao Campo de Marte, admiraram-se de ver proclamada a lei marcial, e afirmaram, sob palavra de honra, que reinava no Campo de Marte a mais perfeita ordem, que tinham lido a mensagem destinada à Assembleia, que a achavam legal e delicada, que tinham assegurado aos petiçãoários que, longe de os perturbar «no exercicio do seu dever, a autoridade municipal os protegeria, se fosse preciso.» Emfim, os três officiaes, comovidos, indignados, exclamaram, com as lagrimas nos olhos, que era desonra-lhes, perdê-los, a eles, marchar assim contra os cidadãos que pacificamente exerciam um direito legal, e a quem tinham prometido e garantido uma completa segurança.

Mas, a pesar da generosa linguagem dos três municipais, La Fayette excitou os pretorianos que exclamaram:

«O principal está feito: desenrolar a bandeira vermelha. Agora se todos os clubes e sociedades fraternais fossem ao Campo de Marte assinar as mensagens pedindo a deposição de Luis XVI, que bálsamo seria para nós todo esse sangue jacobino!

E os pretorianos procedem nesta conformidade, retinndo dez mil homens de cavalaria, infantaria e artilharia; decorreu o tempo, aproximou-se a noite, e os treze ajudantes de campo de La Fayette espalharam-se nos logares públicos, dizendo que o seu general tinha sido assassinado por um jacobino... Imagine-se

agora a fúria dos idolatras daquele Nero dos dois mundos!

Sairam furiosos dos seus quartéis, ou antes dos seus covis, reñinaram-se, carregaram, diante do povo, as armas com balas, e por toda a parte tocavam a reunir. Os vinte e sete batalhões em que havia mais aristocratas recebem ordem de marchar para o Campo de Marte, onde os excita a fúria de matar; êsses miseráveis dizem ao carregar das armas:

São pilulas, que vamos mandar aos jacobinos!

A cavalaria tinha os sabres desembainhados. Eram oito horas e meia da noite quando foi desenrolada a bandeira vermelha para dar o sinal da matança dos petiçãoários inofensivos! Os batalhões entraram no Campo de Marte, não todos pelo mesmo lado para que se pudessem dispersar os cidadãos, mas por todas as portas a um tempo, para cercar os petiçãoários por todos os lados. Eis agora a última perfidia, que leva ao último extremo os horrores do dia: —as descargas, sempre sem intimação nenhuma, faziam-se contra os cidadãos que, vendo avançar a morte por todos os lados, e não podendo fugir, a recebem abraçados ao altar da pátria, que nesse momento fica juncado de cadáveres.

Tal foi o funesto dia do Campo de Marte. O pedido do povo — a queda de Luis XVI, e como consequência, a proclamação da República — era tão sensato e lógico pela marcha dos acontecimentos, e tão inevitável pela força das coisas, que, no ano seguinte, Luis XVI caiu do trono, acusado de alta traição, e a Convenção Nacional proclamou a República. Ah! quantas vítimas isso custou!

Depois da matança do Campo de Marte, a reacção julgou-se omnipotente e mostrou-se implacável: foram destruidas as impressões dos jornais patriotas, e os escriptores tiveram que fugir ou esconder-se; os clubes, sob o péso do medo, conservavam-se quasi em silêncio.

Luis XVI, de novo com todo o seu poder, recommençou

agora a fúria dos idolatras daquele Nero dos dois mundos!

Sairam furiosos dos seus quartéis, ou antes dos seus covis, reñinaram-se, carregaram, diante do povo, as armas com balas, e por toda a parte tocavam a reunir. Os vinte e sete batalhões em que havia mais aristocr

